Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba
Ano XXII N. 349 • Uberaba/MG • Março de 2009

UNIUBE

Desperdício: pode ser a gota d'água

issuu-downloader.com

Editorial

Reflexão a conta-gotas

Não tem cor, não tem cheiro nem sabor. Um líquido fácil de encontrar que está ao alcance das mãos, pelo menos em nossa região. Estamos falando da água, um bem essencial para a sobrevivência do planeta e, que, por incrível que pareça, encontra-se ameaçada.

No dia 22 de março, data em que se comemora o Dia mundial da Água, encerrou-se em Istambul, o fórum mundial que debateu o problema do uso irracional dos recursos hídricos. O tema do fórum foi "Superando divisores de Água".

Se a preocupação em torno da água reuniu líderes mundiais em Istambul, uma das maiores cidades da Turquia, aqui, em uma modesta cidade do Triângulo Mineiro, o assunto também deve ser refletido. Afinal, as contribuições para encontrar soluções viáveis para a ameaça de escassez de água no planeta pode e deve surgir da cabeça de estudantes que se dedicam à pesquisa.

Estima-se que Uberaba tenha uma população estudantil (universitária) de aproximadamente 30 mil alunos. A nossa reflexão pode começar com uma pergunta: Como o homem conseguiu colocar um bem inesgotável em risco?

É preciso entender que cada setor e cada pessoa tem a sua parcela de culpa. No campo, as nascentes dos rios são ameaçadas pelo pisoteio do gado; o desmatamento desenfreado para abrir espaço para as lavouras contribuem para o assoreamento de pequenos rios; o represamento de mananciais em propriedades particulares interrompe o fluxo dos rios.

Na cidade, o crescimento populacional é mais acelerado do que a realização de obras de infra-estrutura. Os esgotos são atirados livremente nos rios. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a cada 19 segundos uma criança morre no planeta vítima da falta de saneamento.

Indústrias despejam suas descargas nos mananciais. Em casa, as torneiras pingam ininterruptamente, os canos vasam e a água escoa. No calor, as mangueiras refrescam as crianças num lazer sem compromisso, já que a taxa de água não é tão cara assim. Os hábitos do desperdício vão completando a lista dos malfeitores da água.

Enquanto isso, do outro lado, na região nordeste, o alívio vem a conta-gotas. A água potável é disputada como riqueza absoluta. O Pnud (Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento) aponta que um bilhão de pessoas vivem sem abastecimento de água. A tendência é de que esse número duplique até o ano de 2025. Até lá o que você vai fazer?

Leo Freitas

Caro leitor

Aberto período eleitoral no DCE

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) Livre e Democrático está ao final de sua gestão, depois de trabalhar durante o ano de 2008, para as melhorias dos universitários. "Fazer parte do DCE é dedicar-se ao bem-estar dos universitários, é lutar pelos direitos adquiridos pelos alunos e promover melhorias", explana o presidente Phablo Lemes afirmando que, estar à frente do DCE não é uma tarefa fácil, mas que é satisfatório ver que, ao final, o trabalho foi realizado.

Em período de campanha, o DCE prometeu a reformulação do provão, o retorno da festa calourada, semanas para valorização da cultura e diversidades. De acordo com o vice-presidente, Guilherme Cardoso, as metas foram alcançadas e as promessas de campanha, cumpridas. Cardoso ainda declara "Fizemos 3 calouradas durante a nossa permanência à frente do DCE, além da grande movimentação em nossa sede, onde o universitário encontra Xerox a R$ 0,08 e internet gratuita. Demos uma levantada no DCE. O tempo é pouco, mas conseguimos fazer muito".

O período das eleições já está sendo pensado e planejado, no entanto este ano as eleições terão como foco maneiras diferentes de atrair os eleitores, já que o voto é facultativo. As maneiras escolhidas para trabalhar durante o período eleitoral será a mais limpa possível, para não atrapalhar o andamento das aulas na faculdade, como comentou o prefeito do campus Aeroporto, Juarez Martins, ao ser indagado sobre as prévias eleitorais.

A Gestão Livre e Democrática fechou convênios com uma das 10 maiores franquias do país, onde os alunos conseguem mais de 30% de descontos em parcelas. Também continua fazendo a carteirinha de estudante, que dá direito à meia entrada.

Faça a sua carteirinha de estudante

Vá ao DCE portando:

» Comprovante de matrícula
» Cópia do RG
» Uma Foto 3x4

Para maiores esclarecimentos, O DCE fica situado à Rua Guiomar Rodrigues da Cunha nº595, tel.(34) 3311-6390, Bairro Universitário. Também é possível acessar o site do Diretório www.dcelivredemocratico.cjb.net

Revelação - Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Uniube • Reitor: Marcelo Palmério ••• Pró-reitora de Ensino Superior: Inara Barbosa ••• Coordenador do curso de Comunicação Social: Raul Osório Vargas ••• Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar ••• **Revelação** • Professoras orientadoras: Anderson Luis Andreozi, Celi Camargo (1942 DRT - DF), Douglas de Paula ••• Produção e edição: Alunos do 3° e 5° períodos de Jornalismo ••• Estagiária (diagramação e edição): Camila Cantóia Dorna ••• Revisão: Márcia Beatriz da Silva e Celi Camargo ••• Impressão: Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação** • Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Sala 2L18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba - MG - 38055-500 • Telefone: (34) 3319 8953 ••• Internet: www.revelacaoonline.uniube.br ••• E-mail: revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Perfil

Generoso sim, fiado nunca!

Recortes da vida de um comerciante que conquistou a simpatia dos universitários

Kelle Monik de Oliveira
3º Período de Jornalismo

Entro na velha mercearia e me deparo com um senhor já idoso que, embora tenha os cabelos brancos e a pele curtida pelos anos, carrega uma pesada caixa de batatas. Com a camisa aberta até o meio, mostra o crucifixo no pescoço, homem religioso que é. A pele está suada pelo esforço, mas ele me recebe alegre, sorrindo, como sempre.

Nossa entrevista acontece ali mesmo, no balcão da mercearia, entre os pães, os doces, a peça de mortadela e os fregueses, que entram e saem a toda hora. Atrás do balcão, um homem com olhos simpáticos, pele morena e 66 anos de idade. Entre outras ocupações, toca há 24 anos a mercearia através da qual sustentou a família - esposa, quatro filhos e dois netos. Lázaro Soares Batista, ou simplesmente Senhor Batista, olha para minha lista de perguntas e fala "temos uma lista grande aí, hein!". Coloca as mãos sobre o balcão, em sinal de entrega e respira fundo, como se preparando para uma tarefa difícil.

Difícil não é exatamente a palavra para nossa conversa. Já nas primeiras perguntas percebo que o Senhor Batista toca a própria vida como toca a mercearia. Há tanta tranquilidade diante dos problemas, que beira à indulgência. Nasceu em Araxá, passou por Ituiutaba e cresceu em Sacramento, onde viveu até os 26 anos de idade antes de se mudar para Uberaba, cidade que adotou como querida e onde nasceram seus filhos: Valéria, Valquíria, Marco Túlio e Marcos, sendo que o último deu-lhe seus dois netos: Murilo e Letícia, que moram em Araxá, mas visitam o avô com frequência. A famlia, aliás, é parte importante da vida e cotidiano desse homem. Trabalham com ele na mercearia dois filhos e sua esposa, Dona Irene, que, tímida, não fala muito, mas diz que seu marido "adora dar entrevistas".

Antes de se mudar para o bairro Universitário, senhor Batista foi proprietário de um bar na rodoviária, no Bairro São Benedito, até que em 1984 transferiu-se com toda família para a casa alugada à rua Rio Grande do Norte onde montou a mercearia Lázaro&Soares. O lugar, há 24 anos vem sendo a "salvação" dos universitários do bairro, vendendo desde alimentos até materiais de reforma, passando por bebidas, guarda-chuvas, inseticidas, panelas, varas de pescar, buchas vegetais e analgésicos. É possível encontrar um pouco de tudo.

Bem, um pouco de quase tudo. Em todos esses anos, o senhor Batista nunca aderiu ao computador ou sequer à calculadora. Faz seus cálculos com caneta e papel de pão, preservando um dos últimos resquícios da cidade e único do bairro, das tradicionais "mercearias de caderneta".

Na verdade, nem tanto assim. Caderneta mesmo só para uns poucos clientes. "Vendia muito fiado, mas estavam me passando para trás e hoje, só para os fregueses mais antigos", revela, e quase ao mesmo tempo, um desses fregueses entra e o cumprimenta. Cliente tão antigo que trata o amigo apenas como Lázaro e sobre ele diz ser "uma pessoa boa e sempre generosa". Palavra de Amigo? Não.

A generosidade do seu Batista é confirmada por vários frequentadores do ponto que, no Natal, fazem uma grande festa na porta da mercearia, com churrasco e cerveja à vontade para quem aparecer por lá. A essas pessoas, o Senhor Batista refere-se como "família da rua", família essa que a cada semestre letivo aumenta um pouquinho. São várias gerações de estudantes que chegam, se formam e vão embora, não sem antes passar pela "vendinha do Seu Batista". Tem a turma quieta, a turma barulhenta, mas a relação é 100%", ele me diz quando pergunto se é mais difícil lidar com estudantes.

E entre eles, os universitários, a opinião é unânime: a mercearia é ponto cativo de quase todos os dias, embora seja unânime também a reclamação: o senhor Batista não faz fiado nem desconta os centavos.

Coisas de homem precavido? Talvez, mas nem por isso menos querido.

Eu mesma, freqüentadora assídua da mercearia há cinco anos, já tive momentos de fúria contra essa singular figura e seu terrível hábito de não descontar os centavos. Tudo bem, a raiva passou e sobrou-me o respeito a esse personagem único, já folclórico e tão obrigatório na vida acadêmica dos estudantes do bairro quanto às disciplinas do currículo.

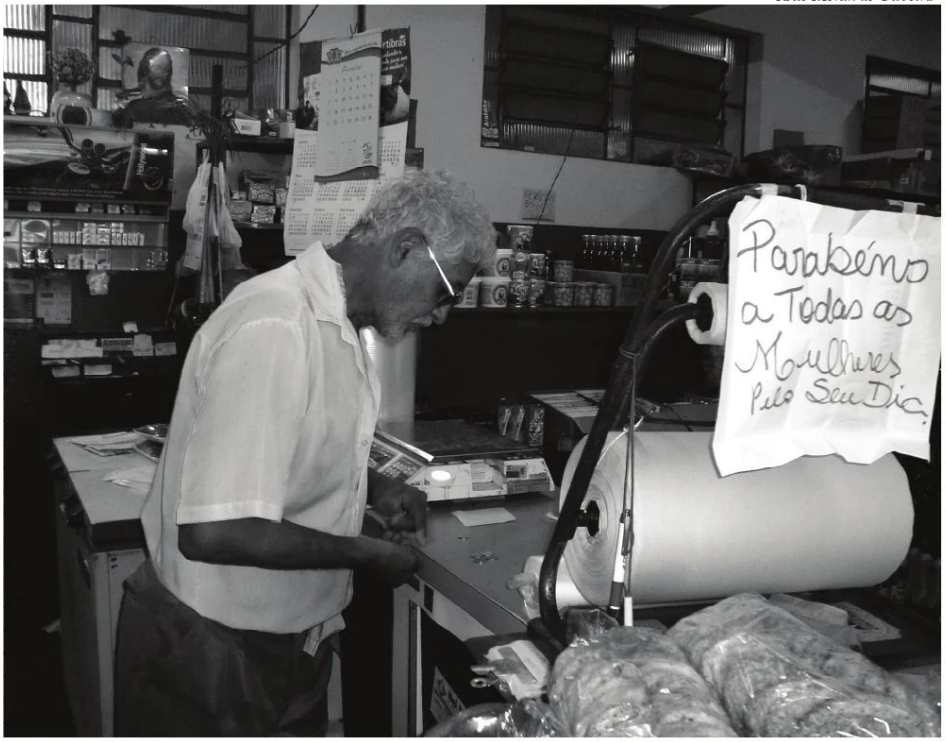
A "vendinha do Seu Batista" não deixa ninguém na mão, abre todos os dias até as 22h e a única folga da semana é no domingo à tarde, quando toda a família vai junto à missa. Nesse pouco tempo de folga, o Senhor Batista ouve música caipira ou assiste futebol pela TV. Quando pergunto sobre seu time de coração, "qualquer um que tiver jogando é bom", é o que ele responde. Férias? Não tira nunca e só para de trabalhar na sexta-feira da paixão, quando fecha sua mercearia em respeito ao feriado religioso.

Vou terminando a conversa e pergunto se ele pretende que a mercearia continue através de seus filhos e netos e, antes que ele me responda, seu filho Marco Túlio nos interrompe e diz "dos filhos pode ter certeza que não".

O Sr. Batista me olha com a expressão inalterada e não fala nada. A resposta já está clara, mas ainda assim ele sorri e a impressão que tenho é de que a pessoa que está à minha frente não desiste. Não se cansa nunca e orgulha-se muito do trabalho de toda uma vida.

Quando faço minha última pergunta, a resposta é tão simples e sincera quanto o homem a quem entrevistei: "Se sou feliz? Graças a Deus".

Kelle Monik de Oliveira



Senhor Batista ainda preserva a forma de fazer as contas na ponta do lápis. Nada de calculadora

issuu-downloader.com

As ameaças aos direitos da imprensa na Guatemala

O relato da jornalista guatemalteca Alejandra Gutiérres, ao Jornal Revelação, sobre um país latino, onde 80% da população é pobre e vive aterrorizada pelo narcotráfico

Roseli Lara
5º Período de Jornalismo

Ser jornalista na Guatemala é viver entre dois extremos - apontar as gritantes causas da pobreza e da violência no país e estar na mira dos narcotraficantes ou, amortecer a consciência. O país com 13 milhões de habitantes é de uma riqueza cultural, geográfica e arquitetônica ímpar. Ameríndios, descendentes dos Maias e descendentes dos colonizadores espanhóis constróem juntos um cenário exuberante de costumes e tradições, que nem mesmo a desigualdade social consegue sufocar.

A grande maioria da população do país é indígena. Os Maias representam 80% do contingente populacional, sendo que 95% deles são camponeses.

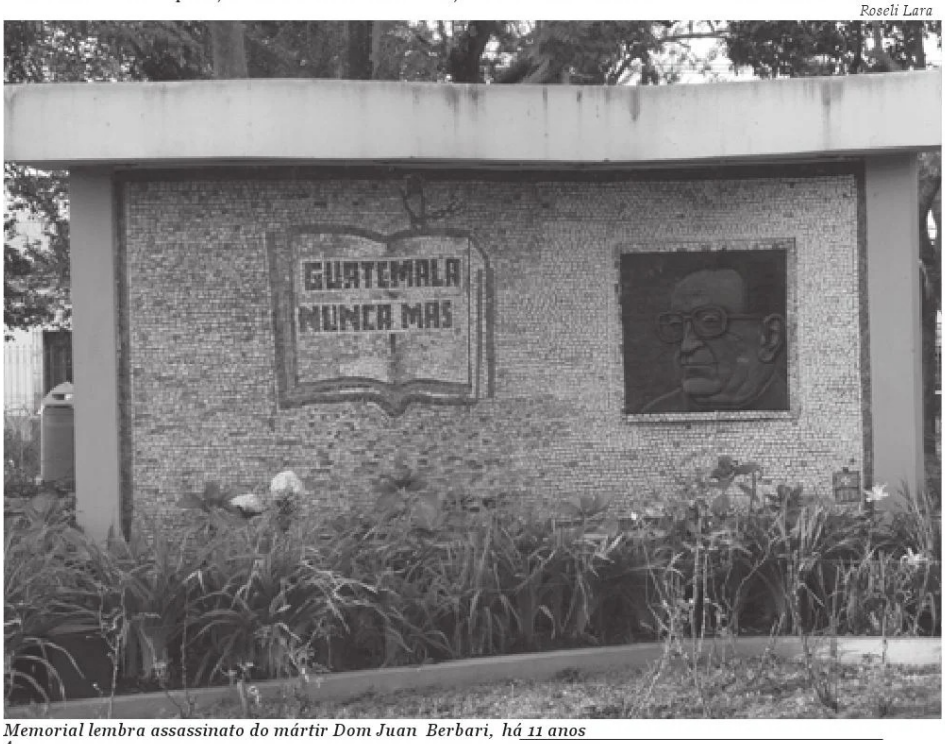
A concentração de terra está no centro do furacão social, pois 2% dos grandes proprietários possuem 72% das terras cultiváveis, enquanto 80% da população vivem abaixo do nível de pobreza e 40% abaixo do nível de miséria.

Nas ruas da capital, a Cidade da Guatemala, dois mundos: as pujantes construções deixadas pelos espanhóis e a avenida do capitalismo (parte da cidade nova onde estão instalados os bancos norte-americanos, uma espécie de av. Paulista); ao redor, a imensa favelização da maioria do povo. As casas estão fincadas na montanhosa cidade, mal acabadas e amontoadas.

Logo cedo, a poluição vinda dos escapamentos de automóveis sucateados, grande parte "despejada" pelos Estados Unidos, toma conta do ar da capital, formando cortinas acinzentadas. O transporte coletivo é feito unicamente pelos tradicionais "ônibus canadenses", cujo estado de conservação deixa muito a desejar.

Museus, prédios públicos e ruas centrais são guardados por uma polícia com metralhadoras em punho. Dentro do aeroporto internacional, mesmo nas áreas comuns, só entram passageiros, sob o argumento de segurança contra o narcotráfico. As Chicas (mulheres índias) muito afeiçoadas aos filhos, ficam do lado de fora com seus bebês grudados às costas, tentando ganhar algum Quetzal – moeda local – com a venda de artesanato.

Roseli Lara



Memorial lembra assassinato do mártir Dom Juan Berbari, há 11 anos

Na Catedral de San Tiago, na praça central da capital, um retrato sangrento e chocante. Centenas de nomes estão inscritos nas colunas que cercam o pátio da principal igreja do país. Um abaixo do outro, parece nunca não acabar. A relação de nomes faz memória aos desaparecidos políticos e mártires assassinados, vítimas da exclusão social e da ditadura militar. Os massacres em massa, perpetrados contra os pobres por parte do Exército, foram sistemáticos e exterminadores. Os termos "esquadrão da morte" e "desaparecido" nasceram justamente na terra dos vulcões.

> *"É um país difícil de descrever, de demasiados contrastes e muito violento"*

Mais adiante, no centro da capital, conhecemos a Igreja de "San Sebastian", onde gritam as letras no memorial "Guatemala Nunca Mais", uma referência ao relatório apresentado pelo mártir Dom Juan Gerardi, bispo assassinado em 1998, dois dias antes de lançar o relatório que trata abertamente sobre as atrocidades do exército, a corrupção e o narcotráfico.

Jornalismo: na Guatemala, profissão de risco

É um paradoxo que não foge à regra de outras economias da América Central: uma Guatemala rica cultural e historicamente, mas amordaçada e dominada. Encontramos a jornalista Alejandra Gutiérrez, em Antigua, cidade rodeada por três vulcões e que, antes do grande terremoto, foi a primeira capital do país.

Em Antigua ocorreu o Primeiro Fórum Internacional de Migração e Paz, realizado pela Scalabrini International Migration Network (SIMN), nos dias 29 e 30 de janeiro, reunindo 180 ativistas de direitos humanos, entre eles, oito Prêmios Nobel da Paz. A SIMN é uma rede humanitária internacional que reúne 270 organizações, atuando na defesa das populações em movimento no Planeta, especialmente os 200 milhões de migrantes.

Com a alta taxa de desempregados, a migração é temática diária nos jornais da capital. Centenas de guatemaltecos são deportados todos os meses dos Estados Unidos, com a cooperação das autoridades mexicanas. Voltam como criminosos e já não têm mais onde morar porque hipotecaram as casas para pagar "os coiotes".

Editora geral da Revista "Diário da Centro

issuu-downloader.com

América", Alejandra Gutiérrez não teme mais o Estado ao expressar seu pensamento a respeito da conjuntura da Guatemala. Seu receio já não vem do regime, mas de um outro flagelo: o narcotráfico.

Revelação- Alejandra, o que você pensa, como editora de uma revista conceituada aqui, sobre a realidade de seu país?

Alejandra- É um país difícil de descrever, de demasiados contrastes e muito violento. Os contrastes são riqueza extrema e pobreza extrema. Com uma história bastante dura e complicada, estamos num processo de recuperação.

Revelação - A violência a que se refere vem do tráfico internacional?

Alejandra – Vem do conflito armado que durou 36 anos aqui. Em 1996 é que se firmou a paz, mas é país convulcionado com violência generalizada e creio eu que está em tudo. No crime comum e no narcotráfico. O tráfico nos afeta muito. O México adotou medidas duras, há uma guerra contra o narcotráfico e está colocando barreiras para a Guatemala, que é um país onde o narcotráfico age.

Revelação – Então, o México colabora com os Estados Unidos, digamos assim?

Alejandra- Sim. Porque estamos no centro de tudo. Do tráfico de drogas e da imigração. Mas veja, nem a colonização espanhola, nem os 36 anos de guerra e assassinatos mataram a cultura de 80% da população, que é Maia.

Revelação - Mas, como jornalista, você faz uma leitura do atual governo, da conjuntura política?

Alejandra – Estou preocupada. Observo que estamos, talvez seja muito negativa, mas estamos à beira de um precipício em Guatemala. Aqui, em Antigua, é como se fosse uma ilha dos Estados Unidos. Uma espécie de Disney. Os norte-americanos fazem muito turismo aqui, mas não passam por outras cidades; vêm do aeroporto direto para cá, de helicóptero. Antigua é uma cidade turística de 500 anos, uma ilha. Mas, o povo mesmo que trabalha aqui, não mora aqui. Mora nas vilas ao redor, nas montanhas ao redor.

Revelação - Eu vejo guardas armados aqui com metralhadoras, embora as pessoas estejam nas ruas, indo e vindo ...

Alejandra- É porque a população está fortemente armada. Há uma lei de armas absolutamente flexível, sem nenhum tipo de regulação. Qualquer pessoa que quiser pode ter uma arma e comprar a quantidade de munição que quiser no mercado oficial. Nem precisa de mercado negro. Há armas de alto calibre, bazucas, metralhadoras .... e pode-se ir a um centro comercial qualquer e comprar armas. É mais fácil comprar uma arma do que tirar uma licença para dirigir.

Revelação – Há risco de uma explosão social ainda maior aqui, por causa da pobreza extrema?

Alejandra- Eu creio que a violência em parte é fruto da desigualdade de anos e anos, e o povo está muito cansado da falta de justiça, muito desgastado.

Revelação - E parece ser delicado falar sobre o narcotráfico nos jornais e revistas. Como está o direito de expressão na imprensa aqui?

Alejandra- Existem limites e limites de vida e morte. O narcotráfico domina. Domina as terras férteis, faz pistas clandestinas de pouso, domina seres humanos que são objeto de tráfico. Quando havia guerra, os militares e o Estado oprimiam a imprensa e não se podia falar abertamente, a informação era oculta. Agora, há um momento de liberdade no que se refere ao Estado, mas há outros poderes paralelos. Por exemplo, o jornalista que corre risco de vida tem receio de falar dos narcotraficantes. Os próprios meios, os veículos, protegem seus jornalistas e tem coisas em que não se pode tocar. Se mostra alguma coisa, se investiga, mas não se pode divulgar. E também, você sabe, os meios são uma indústria e protegem seu negócio. O tráfico é uma ameaça sim, de grandes proporções. Antes era o Estado, agora o tráfico.

Lista negra

O colega de Alejandra Gutiérrez, o jornalista Jorge Mérida Pérez, correspondente do jornal Prensa Libre, o principal jornal diário da Guatemala, foi morto a tiros no ano passado, depois de publicar reportagens sobre narcotráfico e a corrupção governamental. Nos anos anteriores, aconteceram dois outros crimes contra jornalistas. O produtor de rádio guatemalteco Mario Rolando López Sánchez, produtor de programa de debates políticos, foi assassinado com vários tiros em 2007. Em 2006, um assassinato e uma agressão. O repórter de rádio, Eduardo Maas Bol foi assassinado a tiros dentro de seu carro e o apresentador de rádio, Vinicio Aguilar Mancilla foi baleado.

Segundo o relatório "Guatemala Nunca Mais", em 36 anos de guerra civil, ocorreram mais de 400 massacres na Guatemala. O flagelo que até hoje fere o país, deixou 150 mil assassinatos, 50 mil desaparecidos, um milhão de refugiados e 200 mil órfãos. Os responsáveis por esses massacres foram o exército, com 67%; as patrulhas de autodefesa, com 23%; a guerrilha com 3,16%; e a forças civis particulares com 2%.

Pe.Rene Manenti

Nas paredes da catedral San Tiago a inscrição de centenas de mortos pela ditadura

issuu-downloader.com

Som da pesada!

Roqueiros de Uberaba ganham os palcos de São Paulo

Depois de fazerem sucesso entre o público universitário, Bandas de rock alçam vôo

Iara Rodrigues de Oliveira
3 º período de Jornalismo

Em uma cidade com aproximadamente 40 mil universitários, os gostos musicais são diversos. Vão do instrumental ao sertanejo, passando pela MPB, pelo pop, pagode e rock. E em meio à rica diversidade cultural que circula nas universidades de Uberaba, encontramos dois talentos do rock rol. Entre as bandas regionais, as bandas Redial e Berne´s vêm agitando os amantes do rock.

Nos palcos frequentados pelos estudantes, encontramos os jovens talentos que compõem a banda Redial. Otávio Lamartine Leite Neto (vocalista), Boris (baixista), Paulo (tecladista), Humberto (guitarrista), "Machine" (baterista), não fazem feio não. A banda foi a 3ª colocada no Rock Star. A final do concurso aconteceu no dia 27 de fevereiro de 2009, no Muchen Pub,um dos clubes mais frequentados pelos estudantes universitários.

A Redial surgiu no início de 2005, "como se fosse uma brincadeira", comenta Otávio. Ele diz que "a idéia era montar uma banda cover da Banda Reação, do Rio Grande do Sul, mas outros foram chegando e nasceu a Redial, que tem hoje 12 músicas próprias", comemora o vocalista.

Nos shows, a Redial "manda ver" o som de suas composições e também faz cover de algumas bandas como Raimundos, Red Hot Chili Peppers, CPM22 e NX Zero.

A banda toca o estilo hardcore melódico. Segundo o vocalista, a Redial procura destacar na música o vocal, com letras em português, fazendo efeitos de teclado, com solo e bateria rápida. Na cidade, tocam no Muchen Pub e no Negro Gato.

Em 2007, a banda lançou a primeira música própria: Profecia I (ver box), que até hoje, de acordo com Otavio, é a mais pedida pelos fãs. Essa música foi gravada em estúdio e selecionada para a coletânea GRC Music Volume 2. "O que o Otávio estava realmente pensando ao escrever a música a gente nunca vai saber. Particularmente, a música me traz uma sensação de liberdade", assegura Juliana Martins de Oliveira, 18 anos, estudante e fã da Banda Redial.

Nos palcos de São Paulo

Outra banda de Uberaba deste gênero é a Banda Berne´s, formada por Fernando Martins Gonçalves "Ameba" (vocalista e guitarrista), João Marcos (baixista) e Pablo (baterista).

A banda Berne´s surgiu no final de 2005, e se mantém até hoje com a mesma composição. Influenciados pelas Bandas Green Day, Ratos de Porão, Ultraje a Rigor, e outras bandas de punk rock nacional, os Berne´s tem gravado uma "demo" com 6 músicas deles.

O estilo dos Berne´s é o punk rock. "A gente põe um pouco de humor em algumas letras, mas todas com algum protesto, mesmo que seja um protesto bobo", explica Fernando. Para Laura Cristina Lima Diniz, 17 anos, estudante e fã da Banda Berne´s, o mais interessante na banda são as críticas existentes nas letras das músicas.

Banda Revelação 2008

No ano passado, as duas bandas foram a um evento em São Paulo, para fins diferentes. A banda Berne´s recebeu o prêmio de banda revelação 2008. O vocalista explicou que a GRC Music observa a movimentação dos sites de colocar música, como Myspace e Palco MP3, então selecionam as bandas que têm mais acessos e dão prêmios. "Foi muito bom, foi legal, conheci gente do Brasil inteiro", comenta Ameba.

Já a Banda Redial compareceu ao evento para gravar a música Profecia I, que faz parte de uma coletânea, e tocar no show realizado por bandas de todo Brasil. "Entre mais de 15 mil bandas nacionais, recebemos o convite através do site bandas de garagem (http://bandasdegaragem.uol.com.br/), pela GRC Music, para gravar um DVD e tocar no evento. Tocamos com Marcinho Eiras, guitarrista do Faustão. Nós participamos tanto da coletânea quanto do DVD" conta Otávio. A fã da Redial, Juliana Martins, acredita que com esse DVD a banda terá um empurrão na carreira musical.

Comunicação na internet

As duas bandas possuem sites na internet. A banda Redial, além do site (HYPERLINK "http://www.bandaredial.com.br" www.bandaredial.com.br) tem perfil no orkut, comunidade, myspace, vídeos no You Tube e participa dos sites: Palco MP3, conexão vivo e bandas de garagem. Segundo Otávio, através da internet fãs de outras cidades entram em contato com eles pedindo para tocarem na cidade deles.

A banda Berne´s tem o site (www.osbernes.com.br), onde os fãs podem baixar a demo deles e saber informações sobre a banda. Os berne´s têm myspace, fotolog e participam do site palco MP3.

Banda Berne's, em Sào Paulo, recebendo prêmio de banda revelação

issuu-downloader.com

Declaração dos direitos humanos completa 60 anos

Quase na terceira idade "ela" ainda é desconhecida e desrespeitada por muitos

Gullit Pacielle
Danilo Cruvinel
3º Período de Jornalismo

Criada em uma assembléia da ONU (Organização das Nações Unidas) logo após o término da segunda guerra mundial, no dia 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos contém trinta artigos que garantem uma maior igualdade e dignidade entre a raça humana. Assinada por vários líderes mundiais após um profundo estudo, hoje ela está presente em 58 países.

Artigos como igualdade perante a lei, liberdade de expressão, direito à segurança, moradia e à vida, parecem bastante óbvios. Mas será que eles são de conhecimento de toda a população?

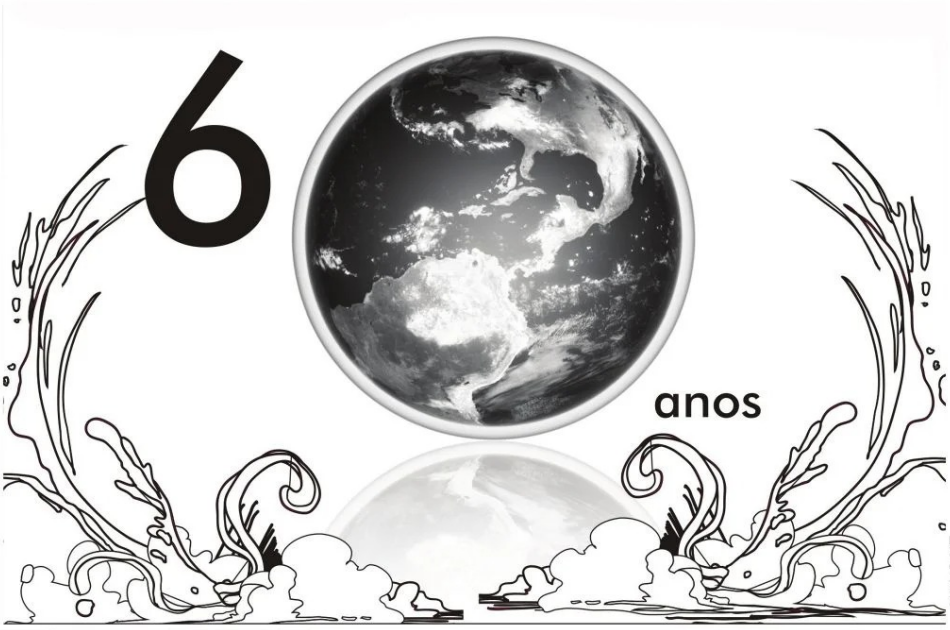
"Se eles fossem tão óbvios, não precisaria da declaração. Ela foi criada, pois os seres humanos não a respeitavam. A intenção era dizer tudo o que deveria ser seguido." A opinião é do professor, mestre em educação, Décio Bragança Silva, que sempre se pautou pela defesa dos direitos humanos.

A importância da Declaração foi reafirmada pelo advogado, ex-presidente da OAB de Uberaba, e integrante da Comissão dos Direitos Humanos, Vicente de Paulo Cunha Braga, 66. Ele acredita que a população não tem noção de cidadania e, consequentemente, desconhece seus próprios direitos. Segundo Braga, a falta de escolaridade é o principal motivo desse desconhecimento. "Dessa forma, várias crianças e adolescentes procuram outros caminhos, ou seja, fazem a opção pelo crime", salienta

Esta opção tem pintado um cenário triste de violência no Brasil. De acordo com dados do Ministério da Saúde, a violência é a segunda principal causa de morte no país, ficando atrás somente das mortes por doenças do aparelho circulatório. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), crianças e adolescentes são os mais atingidos, e a escolaridade média é de 5,75 anos de estudo.

Vale lembrar que a Declaração dos Direitos Humanos é apenas uma orientação, pois a ONU, por ser uma organização não-governamental, não tem o poder de criar leis. Décio Bragança acredita que falta uma parceria entre os órgãos ligados à ONU e às prefeituras. "Para que os direitos humanos sejam cumpridos e conhecidos pela população, a parceria teria o papel de fazer com que a ONU estivesse mais próxima dos alunos, disseminando assim o conhecimento sobre a importância dos direitos humanos," observa.

No dia 10 de dezembro de 2008, a Declaração Universal dos Direitos Humanos completou sessenta anos de existência. Para Décio, o cumprimento da declaração é como uma "luz no fim do túnel", que sempre quando nos aproximamos, ela se afasta um pouco mais.



Leo Freitas

portfólio
Agência Experimental de Comunicação
O campus das idéias!

issuu-downloader.com

Meio ambiente

Desperdício ameaça o abastecim

Recursos hidrícos da cidade são abundantes, mas estão ameaçados pelo uso irracional da água e

Mônica Salmazo
Raphael Ilídio
5º período de Jornalismo

Já parou para pensar o quanto a água é importante em nossas vidas? Além de compor 70% do corpo humano, é essencial para nos nutrir e realizar nossas necessidades básicas de higiene. Algo de tanto valor não pode deixar de possuir um dia mundialmente conhecido como seu; 22 de março, o Dia da Água.

A preocupação quanto à falta de água no futuro e no presente é unânime em todo o mundo. Por outro lado, a cidade de Uberaba está em posição privilegiada do ponto de vista hidrográfico, como explica o Geógrafo Renato Muniz de Carvalho. "Apesar de ser rica em água, a cidade de Uberaba deve economizar água em períodos de escassez de chuva", lembrando que a cidade sofre com as condições climáticas no período dos meses de maio a outubro com a falta de chuva. O Geógrafo não esquece de lembrar que o crescimento do consumo tem como vetor principal o crescimento da população. A falta de cuidados, o desmatamento e a poluição, podem trazer problemas hídricos, como falta de água temporal ou deixa-lá imprópria para o consumo.

O manancial principal de captação utilizado para o abastecimento público é o rio Uberaba, que possui uma bacia hidrográfica de 2.346 km2, participante da bacia do Rio Grande. O rio abrange os municípios de Uberaba, Veríssimo, Conceição das Alagoas e Planura. O restante da demanda de abastecimento da cidade é preenchida com águas oriundas de lençóis freáticos, seja por poços de perfuração profunda, ou mesmo pequenos poços residenciais.

O município de Uberaba possui 26 minas d'água catalogadas: Dessas vinte e seis, cinco estão secas, por motivos climáticos ou mesmo entupimento de seus canais naturais. As minas são pontos de 'vazamento' hídrico de lençóis freáticos. A presença dessas fontes representam abundância hídrica e riqueza ambiental para os locais onde estão localizadas. Porém, aquela velha idéia de que toda água brotada do chão é limpa pode estar errada.

Análises realizadas pelo Núcleo de Vigilância Ambiental em Saúde, do Centro de Zoonoses, mostra que muitas minas d'água em Uberaba

Formas de desperdício de água mais comuns no cotidiano

issuu-downloader.com

ento de água

e pela poluição

apresentam presença de coliformes gerais e até coliformes fecais também conhecidos como termotolerantes, provando que a água possui contaminação por grupo de microrganismos encontrados nas fezes de animais de sangue quente. A presença desses micro-corpos está diretamente ligada à contaminação do solo por minerais pesados, oriundos muitas vezes de defensivos agrícolas, como explica Afrânio Gomes, responsável pelo departamento das análises do Núcleo. "Os minerais encontrados nas composições de agro-defensivos servem de nutriente para esses microrganismos". Gomes lembra ainda que "as minas sofrem análises semestrais, e nem sempre contam com a presença de impurezas", mas recomenda que não seja feita o consumo de água sem tratamento.

A mina d'água encontrada na rotatória da Avenida Maranhão, no Bairro Universitário, famosa pelo fluxo constante de água, sempre desperta a seguinte curiosidade: por que não canalizar toda essa água? Segundo Afrânio, o custo financeiro seria inviável, devido às despesas na construção de uma central de tratamento no local ou para o envio da mesma ao centro mais próximo. As últimas análises feitas, em novembro de 2008, mostram que a água do local não deve ser consumida, pois não é tratada. A mina chamada pelo Núcleo de Vigilância de "Mina do Universitário", possui contaminação por coliformes totais, o que pode ser sinal de alerta para contaminação do lençol freático.

As análises são regulamentadas por Lei Federal, imposta pelo Ministério da Saúde, em forma da Portaria 518, de 25 de março de 2004. A portaria diz que todos os municípios precisam realizar o procedimento na água destinada ao consumo, seja por concessionárias de fornecimento de água, ou por minas d'água.

Consumo e desperdício

Na cidade de Uberaba, 99% da população recebe água tratada, soma considerável, uma vez que o município abriga mais de 107 bairros, segundo dados do CODAU (Centro Operacional de Desenvolvimento e Saneamento de Uberaba). São 118.111 o número de residências com ligação de água, 100.056 casas, 17.790 comércios e 265 indústrias (referente ao mês de Fevereiro de 2009).

Grande parte da população é responsável ambientalmente por episódios nos quais a cidade ficou em estado de calamidade pública, devido ao desperdício de recursos hidrícos. Caminhões-pipa foram necessários para suprir a falta de água e abastecer casas do município. "Como Uberaba já passou por duas situações de falta de água, as pessoas aprenderam a economizar. O próprio consumidor consegue economizar sem perder a qualidade de vida, mas isso não significa que não temos alguns habitantes que não desperdiçam", conta Ivone Borges, assessora de Meio Ambiente.

A cidade conta com vantagens como: ter um rio pertencente a ela; um parque industrial, que é responsável pelos processos principais de saneamento; e a oportunidade de tratar a água antes de devolvê-la ao rio. Em épocas de necessidade, o CODAU transpõe o Rio Claro, que resolve os problemas do município.

"Os uberabenses aprenderam a evitar boa parte do desperdício mas, infelizmente, ainda tem hábitos interioranos, como jogar água na calçada para varrer em vez de usar a vassoura, regar o jardim mesmo após chover e etc.", diz Ivone, quando questionada sobre os hábitos dos moradores.

O índices de consumo e desperdício na cidade não foram divulgados pelo Centro Operacional de Desenvolvimento e Saneamento de Uberaba.

Arte: Léo Freitas

Artigo

A cidade que engoliu seus rios

Maria Camila Osorio Ortiz
5º período de Jornalismo

O Professor Mestre Renato Muniz Barretto de Carvalho em sua dissertação "Vida e morte de um córrego: a história da expansão urbana de Uberaba, MG e do córrego das Lajes", analisa profundamente o crescimento urbano da cidade de Uberaba e as consequências desse crescimento para o meio ambiente.

Comenta que o entendimento das relações sociedade/ natureza estão integradas às relações sociais e políticas em um sentido histórico e biográfico. Não adianta querer arrumar as coisas sem conhecer a história em suas diversas dimensões e extensões, além de ser muito difícil a passagem da compreensão global dos problemas ecológicos, para a compreensão local e vice-versa.

Segundo Renato, as águas do córrego das Lajes, ao longo da história, virou água para o gado, despejo de esgotos, foi aprisionado num canal e depois de morto corre canalizado sob uma avenida larga, ladeada de prédios altos de ambos lados. Ele diz que a história de Uberaba é de uma cidade que engoliu suas águas.

A cidade se estendeu por morros de onde a coberta vegetal nunca deveria ter sido tirada. Se não fosse assim, teria dado uma vazão suficiente para mais de 100.000 habitantes.

O córrego das Lajes é formado pelas nascentes: da Santa Rita, do Cómercio (formada pelos córregos da Quinta Boa, da Esperança e do Pontilhão), da Manteiga formada pelos córregos das Bicas e da Doce e do Barro Prêto, a mais alta, que perdeu esse nome ao juntar-se à do Capão da Igreja,

O núcleo inicial do povoamento de Uberaba ocorreu às margens das Lajes. Estendendo-se pelas colinas do núcleo inical: Amoro Costa, São Benedito, Mercês, Boa Vista, Fabricio, Estados Unidos e Abadia, as "sete colinas". E assim, com o passar do tempo, Uberaba foi engolindo suas águas, como diz Renato, e hoje o córrego, sepultado, se faz visível, presente, através das inundações causadas pela urbanização feita sem ter preocupação com a preservação da natureza.

Contudo, não é só preocupante o estado das águas de Uberaba, mas a atitude que o mundo inteiro tem referente ao problema. Por exemplo, no capitalismo, a água passou a ser vista como uma mercadoria porque são inúmeros os "usos" e as "visões"sobre um determinado elemento; mesmo que as coisas sejam destinadas a uma utilização no futuro - como reserva - , são vistas como mercadorias.

Por isso é importante parar de dizer que a situação da água é reversível. Como diz Renato: Por quanto tempo ainda e a que custos?

Segundo Renato, o córrego das Lajes está morto e na mesma situação encontram-se quase todos os córregos dessa bacia, e até o próprio rio Uberaba.

issuu-downloader.com

Solidariedade

Moradores de rua recebem atenção especial nos albergues

Projetos visam melhorar assistência aos moradores de rua

Leslye Ferreira de Paula Silveira
3 º período de Jornalismo

Projeto Ronda Social promete tratamento mais humanizado aos albergados de Uberaba. O trabalho de abordagem e recolhimento das pessoas que necessitam ser albergadas, antes feito pela Guarda Municipal, agora vem sendo executado por uma equipe composta de psicólogos, assistentes sociais e educadores de plantão: a Equipe Ronda.

Leslye Ferreira de Paula

Albergados dizem não ir para o albergue por medo de agressão.

Essa equipe desenvolveu novos projetos, pois segundo a coordenadora Eliana Rezende Venâncio, 54 anos, nas ruas, sem casa, encontra-se dois tipos de públicos. São eles os moradores de rua e os itinerantes ou andarilhos, aos quais todos chamam de mendigos. Para João Eurípides Sabino, 59 anos, autor do livro "O Andarilho", o homem de rua é aquele que não sai da cidade e se limita apenas a estar na rua. "Já aquele que tem na rua seu lar e anda, anda, anda, sem parar, é o andarilho," completa. A partir desse entendimento tornou necessária a criação de novas estratégias e de duas formas de abordagens.

"O município não se responsabiliza pela promoção humana dos itinerantes, mas dá a eles comida, instalação, um kit higiene e passagem para destinos de até 100 quilômetros. Se for preciso o andarilho recebe tratamento médico. Já o morador de rua, aquele que normalmente tem família na cidade, fica albergado e em tratamento, para se libertar de seus vícios, até que possa retornar ao convívio familiar; isso se ele aceitar ser tratado," relata Eliana.

Uberaba tem apenas um albergue municipal, subsidiado pela SEDS (Secretaria de Desenvolvimento Social) e pela Prefeitura. Mesmo assim, nem todos os moradores de rua querem ir para o albergue. Maria tem 31 anos, mora nas ruas e rejeita ideia de ir para o albergue. Ressabiadamente diz ter medo de apanhar e de ter que ficar presa. "Não quero ter que voltar pra casa, tenho muitos problemas lá," confidencia.

Para escrever o livro "Andarilho", o engenheiro João Eurípedes Sabino acompanhou durante anos a trajetória de muitos andarilhos e pessoas que moram nas ruas de Uberaba. A pesquisa lhe permitiu chegar à conclusão de que os conflitos vividos por estas pessoas são as principais causas da mudança de endereço, em que a pessoa deixa de ter uma residência fixa para perambular pelas ruas ou de cidade em cidade. Ele ressalta que esse conflito é algo de alta relevância, que marcou profundamente a pessoa, fazendo com que ela deixe tudo o que integra seu meio de convivência e não tenha vontade de voltar mais.

Outros, no entanto, já nascem dentro de um conflito social e não encontram opção senão viver na rua. Assim é a vida de Adriano Carvalho. Desde que nasceu, há 32 anos, ele mora nas ruas de Uberaba. Sem família, ele vê na possiblidade de ir para o albergue uma saída que possa livrá-lo desta vida. "Queria sair da rua, podia ser para ir pro albergue, lá talvez minha vida mudasse," acredita.

Retorno às ruas

O Albergue Municipal de Uberaba acolhe em média 18 pessoas por dia, mas o espaço pode acomodar até 40 pessoas. De acordo com Eliana Resende, já houve casos de serem atendidas mais de 40 pessoas. Principalmente em momentos festivos como a festa de Nossa Senhora Abadia e a Expozebu (Exposição de Gado de Uberaba) quando há um maior fluxo de pessoas itinerantes que precisam ser albergados.

João Sabino diz que a passagem pelo albergue é uma simples passagem, pois a liberdade que os homens de rua e os andarilhos experimentam jamais sai de dentro deles. Eliana acredita que a cada 100 pessoas atendidas, 10 retornam ao convívio familiar, mas relata que não há nenhuma garantia de que eles permanecerão em casa.

issuu-downloader.com

Novos velhos

A nova fase da terceira idade

Estatuto do idoso prevê garantias que nem sempre são respeitadas pela sociedade

Samara Candido
Leandro Luiz de Araújo
3 º período de Jornalismo

A terceira idade deve ser a fase de descanso e tranquilidade para os idosos. Essa também é a proposta que o Estatuto do Idoso prevê para eles. O Estatuto é dividido em sete títulos e composto por 118 artigos, visando ao bem-estar dos mesmos.

Os termos abordados pelo estatuto abrangem várias áreas: saúde, transporte coletivo, violência e abandono, entidade de atendimento aos idosos e trabalho, lazer e habitação.

Antes de o estatuto ser sancionado em 2003, já existia a Política Nacional do Idoso (PNI), que assegurava os direitos da terceira idade. De acordo com o advogado e palestrante sobre o assunto, Fernando Misson Abrão, a PNI serviu de ensaio para a aplicação dos direitos dos idosos, através da criação do estatuto. Em suas palestras, os temas mais focados são as peculiaridades e inovações trazidas pelo Estatuto, sem deixar de salientar as fragilidades e as necessidades dessa faixa etária da população brasileira.

"Apesar de ser bem abrangente, o Estatuto falha nas punições, se comparado com a Lei Maria da Penha. Percebe-se que as penas do Estatuto são brandas diante dos delitos praticados, gerando, assim, a impunidade. Nos planos de saúde também existem controvérsias, uma vez que não podem ser reajustados de acordo com a idade, gerando conflitos judiciais, pois os fornecedores dos planos tendem a não respeitar as normas estabelecidas pelo estatuto, enfatiza Misson.

Ao ser questionado sobre o desrespeito ocorrido com a terceira idade, Misson afirma: "Acredito que todos nós presenciamos, no dia a dia, graves violações ao Estatuto do Idoso, bem como absurdos praticados contra os mesmos". Ele enfatiza também sobre o preconceito, e lembra que na maioria das vezes os idosos são considerados inválidos. O Poder Público também está inserido neste contexto por, muitas vezes, ignorar a condição especial do idoso e oferecer a eles total desprezo. O advogado cita, como exemplo, a falta de tratamento médico, filas, remédios insuficientes e inadequados e profissionais despreparados para atendê-los.

Em nossa cidade presenciamos o descaso com os idosos também nos transportes públicos. Ônibus cheios, motoristas e cobradores estressados e passageiros apressados tendem a não respeitar os passageiros com passe gratuito. É comum os ônibus não pararem nos pontos quando os idosos solicitam. A aposentada de 72 anos, Zulma Faria, reclama "Por várias vezes, os ônibus não pararam quando eu estava sozinha no ponto".

Nesse e em outros casos de violação de direitos, os idosos ou qualquer indivíduo que queira denunciar flagrantes devem procurar os órgãos de defesa responsáveis, no caso de Uberaba, seria o Ministério Público, que defende os direitos dos idosos com efetividade. Fernando Misson revela: a Lei Orgânica do Ministério Público prevê a necessidade de haver na cidade uma promotoria para tratar de qualquer violação ao Estatuto do Idoso para a qual deverão ser feitas as denúncias.

Existe também, em Uberaba, a UAI - Unidade de Atenção ao Idoso, projeto realizado pela Prefeitura que conta atualmente com 48 profissionais.

A Unidade oferece atividades de lazer como jogos de mesa, baile, artesanato, alfabetização, canto e coral, bateria, catira, e tratamento psicológico, de fisioterapia e terapia ocupacional. Para participar das atividades físicas (hidroginástica, natação, dança de salão, ginástica, musculação, dança country) é necessária a apresentação de atestado médico, orienta Giovana Silveira, coordenadora pedagógica da Unidade.

A idade mínima para usufruir dos benefícios da UAI é 55 anos. Os idosos cadastrados chegam a sete mil, porém, só quatro mil estão ativos. Passam por lá diariamente de 1.500 a 2 mil idosos que realizam as atividades.

Além disso, a UAI também promove eventos especiais como o Grupo da Caminhada, realizada três vezes por semana, no Parque das Acácias (mais conhecido como Piscinão). Já o Cinema à Moda Antiga, traz sessões de cinema realizado no Cine Teatro Vera Cruz, com entrada gratuita para a terceira idade.

A Unidade também conta com voluntários, a exemplo de Sônia Marli Lemos Feliciano, que em seus 62 anos presta serviços de manicura. Segundo ela, a UAI é sua segunda família e ela diz que não tem do que se queixar, pois foi através das atividades desenvolvidas na UAI que ela se livrou da depressão. Quem faz as unhas com ela colabora com R$ 3,00 para a compra de material.

Samara Candido

Os idosos que freqüentam a Unidade estão muito satisfeitos com o atendimento e com o resultado alcançado na vida pessoal.

issuu-downloader.com

Programas garantem inclusão de adolescentes no mercado

Probem e Jovem Aprendiz incluem jovens no campo profissional

Iara Rodrigues de Oliveira
Pâmela Paulino Guarato
3 º período de Jornalismo

Direito de trabalhar, escolher o emprego e ter condições justas de trabalho são algumas vantagens garantidas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos a todas as pessoas. Para os jovens, além destes privilégios existem outros assegurados pela lei do menor aprendiz. Esta lei estabelece cotas para contratação e formação técnico-profissional de jovens entre 14 e 24 anos e estipula a duração do contrato de aprendizagem, a jornada de trabalho diária de um aprendiz, além de uma série de benefícios e deveres para os mesmos. Em Uberaba, através de programas como Probem e Jovem Aprendiz, alguns jovens têm oportunidades de entrar no mercado de trabalho.

O programa Jovem Aprendiz, desenvolvido pelo Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e empresas parceiras, beneficia por ano aproximadamente 150 pessoas entre 14 e 24 anos. Estão disponíveis no programa os cursos de aprendizagem e serviços administrativos; e aprendizagem e serviços de supermercado. De acordo com Cássia Mara Ferreira, supervisora pedagógica, o programa funciona baseado na lei da aprendizagem comercial. A partir de um cálculo, as empresas são notificadas pela DRT (Delegacia Regional do Trabalho) sobre a quantidade de aprendizes que elas vão ter.

Verônica Boaventura

Aluna do Probem encontra oportunidade de emprego como "guarda-mirim"

A empresa seleciona o aprendiz e o encaminha para fazer o curso no Senac. A duração do contrato de trabalho é de um ano e o aprendiz tem os benefícios que a empresa oferece.

Thiago Augusto Lhanas Ribeiro tem 15 anos, cursa o 1º colegial e foi selecionado pela empresa Pernambucanas. "Fiz uma prova, consegui passar e eles me chamaram", relata Thiago. Ele soube do Jovem Aprendiz por um amigo e então decidiu deixar currículo nas empresas. O emprego como vendedor na Pernambucanas veio junto com o curso no Senac. O trabalho é intercalado com o curso: em uma semana ele trabalha na empresa, com uma carga horária diária de 3 horas e 30 minutos, na outra semana, faz curso.

O Probem atende 680 adolescentes entre 14 e 18 anos. Segundo Marcela Gomes de Oliveira, chefe da seção sócio-empresarial, o Probem segue a lei do menor aprendiz. Os cursos disponíveis são: auxiliar administrativo; informática básica e avançada; e práticas comerciais e bancárias. O programa conta com 157 empresas parceiras e 16 secretarias, informa Marcela Gomes. Para ingressar no Probem é preciso ter um certificado de 120 horas de qualquer curso feito em órgão público. Com o certificado em mãos, o adolescente deve fazer um cadastro no Probem. Após ser cadastrado no programa, é avaliada a situação econômica e familiar do adolescente. O jovem selecionado passa por 30 dias de treinamento e realiza uma prova escrita. Ingressando no Probem, o adolescente trabalha 4 horas e faz 2 horas de curso. Neste ano, 69 adolescentes foram contratados após o término do contrato.

Daniela Cristina Amaral, de 17 anos, trabalha na Fosfertil através do programa. A adolescente fez curso de auxiliar de departamento pessoal, aos 14 anos. "Depois que passei no curso pelo Ceju, fiquei um ano esperando para ser chamada", comenta a jovem. Daniela tem quase todos os direitos trabalhistas, com exceção do seguro desemprego. Sua carga horária é de 20 horas semanais. O contrato da jovem acaba em janeiro de 2009, mas ela já foi encaminhada para ser contratada na empresa em que trabalha.

A escola anda junto com o emprego. O adolescente que trabalha no Probem deve frequentar o ensino fundamental ou médio e ter bom desempenho escolar. Para ingressar no Jovem Aprendiz a situação é semelhante. O participante tem que estar matriculado na escola ou já ter concluído. Na cidade, além do Probem e do Jovem Aprendiz existe outro programa que oferece oportunidade aos jovens. Conforme Cássia Mara, no Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) tem a aprendizagem voltada para a indústria. "No Senac a aprendizagem é voltada para o comércio", conclui.

issuu-downloader.com

on-line

Uso da internet é preocupante

Quando o computador ocupa maior tempo entre os deveres e os estudos

Gabriela Borges Batista
3º Período de Jornalismo

A permanência de crianças e jovens diante do computador, mais do que uma atividade comum na era globalizada, também tornou-se uma preocupação. O uso sem orientação e o exagero podem empurrar o usuário para um vício difícil de ser controlado. Se por um lado os jovens tiveram mais acesso à informação, por outro eles também se tornaram mais relapsos com as obrigações diárias, principalmente no que se refere aos estudos.

A pedagoga e diretora geral da Escola Estadual Minas Gerais, Rosângela Maria Goulart, afirma ter notado um crescimento do interesse dos alunos, nos últimos dez anos em que se tornou diretora, pelo mundo tecnológico, em especial a internet. Tendo uma sala de informática na escola, com cinco computadores, ela explica que o conteúdo pode ser melhor aplicado com a ajuda deste recurso. Mas que deve existir responsabilidade. "Aqui nós bloqueamos sites de relacionamentos, jogos violentos e bate-papo. A internet é somente para pesquisa escolar e com orientação de um professor" diz Rosângela.

Em casa a história é diferente. Alunos do período matutino (manhã) afirmam com orgulho que podem passar mais de cinco horas seguidas em frente a computadores, e que quase nunca dedicam-se à pesquisas escolares. A maioria acessa sites de relacionamento, como o Orkut, bate-papos, jogos e até sites de conteúdo inapropriado à idade. O resultado disso é o baixo rendimento no dia seguinte e o não cumprimento das tarefas de casa. "Eles chegam cansados e passam a maior parte das aulas dormindo na carteira. Muitos são reprovados e nem se dão conta de que a internet é a principal vilã", dizem os professores da E. E. Minas Gerais.

Isso acontece, segundo a pedagoga Rosângela, porque o horário preferido deles é a madrugada. Então, não descansam o tempo necessário e acabam descontando as horas não dormidas nas desconfortáveis carteiras de madeira. Outro grande problema ocasionado pelo excesso de tempo na internet é a escrita. Os professores de gramática reclamam das muitas abreviações e até mesmo de criações vindas da tela do computador para os cadernos e avaliações dos alunos. "É uma dificuldade fazer com que entendam as regras gramaticais quando estão acostumados a abreviar tudo", diz Gina Almeida, professora de gramática da escola.

Para ajudar a contornar essa realidade, a diretora Rosângela afirma que é preciso uma maior participação da família do aluno. Ela lamenta a falta de interesse de alguns pais, que muitas das vezes deixam toda a responsabilidade da formação deste aluno nas mãos da escola, pelo excesso de trabalho ou pela falta de estrutura familiar. "Os pais devem impor limites, saber dizer "não" sem medo de magoar o filho. É do futuro dele que estamos falando", ressalta a pedagoga.

Já os alunos do período vespertino (tarde) apresentam menos problemas nesta área. Com exceção de alguns, a maioria têm limites em casa, passam poucas horas na internet e a usam mais para trabalhos e pesquisas da escola. "Pelo fato de serem mais novos, os pais conseguem ter mais controle do que com os adolescentes" diz a diretora. As notas em média são boas e eles rendem o esperado durante o ano todo. De 15 alunos do vespertino entrevistados, somente três admitiram ficar mais de três horas no computador. Mesmo assim, fazem as tarefas e estudam antes de sentar em frente à tela – em obediência aos acordos com os pais.

Amanda, com dez anos, diz que quando chega em casa, primeiro faz as tarefas e depois vai para o computador conversar com os colegas. Quando perguntado sobre as pesquisas que a escola pede, ela diz que, se tiver, a busca é primeiramente no livro e, em ultimo caso, na internet. "Na internet deve ter muita mentira", desconfia a menina.

Mas Rosângela avisa: "não se deve deixar o jovem à vontade para fazer o que quer só porque tem boas notas. Esse aluno exemplar também precisa ter limites para saber o que é certo e o que é errado". E os pais sabem disso – na teoria.

A mãe do jovem Mateus, de 13 anos, Claudia Soares Amâncio, secretária de escritório de advocacia, diz que seu filho é ótimo aluno. Está na sétima série, estuda de manhã e até hoje não traz no boletim uma nota abaixo da média desde que começou a estudar. Mas passa de três a quatro horas por dia em frente ao computador. Claudia reconhece que isso pode ser um problema, mas não reprime Mateus. "Ele tem boas notas, é elogiado pelos professores e nem mesmo sai muito de casa, então, não vejo motivos para reclamar. Mas acho muito o tempo em que fica jogando", diz a mãe.

O pai, José Alberto Amâncio, auxiliar administrativo, é mais rígido. Reclama que Mateus passa muito tempo navegando e se esquece do convívio com a família. A saída, segundo o pai, é tirar o computador da tomada. "Não tem outro jeito", lamenta. Mateus conhece muito bem essa regra, e quando o pai chega do trabalho já desliga o computador antes que tire da tomada. O auxiliar administrativo explica que toma essa atitude porque não sabe o que o filho vê, quais sites acessa e com quem conversa, pois, não tem tempo para controlar o conteúdo acessado no computador.

A pedagoga Rosângela diz que essa pode não ser a melhor atitude, e que isso pode ajudar o jovem a se fechar cada vez mais e evitar a conversa com seus pais. Deve-se, sempre, manter o diálogo. "É melhor conversar com o filho e expor as razões da imposição de limites, de tanta preocupação. Fazer com que ele entenda surte mais efeito do que simplesmente reprimir sem expressar os motivos", explica a pedagoga.

Mônica Salmazo

Os desafios de manter o equilíbrio entre o entretenimento e os estudos no acesso à internet

issuu-downloader.com

Esporte precisa de apoio

Atletas da Adefu lutam para se manterem no ranking nacional

Fernanda Carvalho Silveira
3 º período de Jornalismo

Sobre sua cadeira de rodas a atleta Mariane Meire se esforça durante o treino de bocha. O braço ergue com a dificuldade de quem tenta driblar a tetraplegia. Com a bola em uma das mãos ela alcança uma calha, construída especialmente para que os atletas com este nível de deficiência possa paraticar bocha. A calha funciona como um canal condutor da bola. Com a ajuda da treinadora, ela solta a bolinha vermelha em um exercício aparentemente fácil, mas cheio de técnicas, ângulos e coordenação.

A atleta, que participa de campeonatos regionais, sofre de uma paralisia severa, e é enquadrada somente na bocha adaptada, onde há utilização de calhas. O ginásio da Associação dos Deficientes Físicos de Uberaba (Adefu) é utilizado para treinamento de todos os atletas dos esportes que a associação disponibiliza: bocha, atletismo, tênis de mesa, polibate e basquete. Em Uberaba há também a prática do halterofilismo, que é trabalhado fora da instituição em parceria com academia, e também o golbol que é praticado no Instituto dos Cegos.

O treinamento esportivo ocorre todos os dias com a ajuda dos três treinadores responsáveis na associação: Janaina Pessato, Franscisco de Sales e Loreno Kikuch. De acordo com a treinadora Janaina, o esporte é uma das alavancas que faz com que os portadores de deficiência compreendam que eles têm potencial. "Porque a gente não trabalha o esporte em cima da deficiência, a gente trabalha em cima do potencial que o atleta tem. Então quando você valoriza o potencial, ele vai se valorizar também. Há um ganho na estima, há um ganho na auto-imagem, nessa credibilidade que ele passa a ter com ele mesmo," afirma a treinadora.

De acordo com o diretor da associação, Marcos Paulo Faria, não há nenhum tipo de incentivo ao esporte especial na cidade de Uberaba. A verba que entra na instituição vem de algumas parcerias. A prefeitura de Uberaba era responsável pelo fornecimento do ônibus que levava os atletas à instituição para treinamento, porém, agora os atletas têm que pagar seu próprio transporte. "A gente chega nas empresas e pede pra patrocinar o atleta. Leva o histórico, mostra que ele está bem e eles olham e não se interessam. A gente sai até um pouco desanimado de lá. O atleta ainda é um pouco desacreditado. Porque resultado tem, mas eles não investem," conta desanimado Marcos Paulo.

Segundo a treinadora Janaina Pessato, o único incentivo vem do Ministério do Esporte, que disponibiliza uma Bolsa Atleta para aqueles que conseguem ficar entre os três primeiros do ranking em sua modalidade, em âmbito nacional ou internacional. "Na categoria nacional, o atleta recebe R$750,00 e na categoria para-olímpica, R$2500,00 mensais," explica a treinadora.

O diretor da Adefu, Marcos Paulo afirma ser o primeiro do ranking em sua categoria. Ele pratica atletismo na categoria f52 e é um dos que recebem Bolsa Atleta nacional. Após um acidente em uma represa, Marcos lesionou a medula e foi para a cadeira de rodas. No início ele conta que sofreu muito e sentiu vergonha da sua condição, até que conheceu o trabalho da Adefu. Na associação começou a praticar basquete. "O esporte ajuda na reabilitação e inclusão e também muda a nossa cabeça. Comecei a perder aquela vergonha que eu tinha e cresci na vida. Voltei a estudar, passei a fazer cursos. Depois eu fui trocando de esporte. Fui procurando um em que eu me destacasse. Passei pela natação, pelo tênis de mesa, pelo atletismo. E neste eu me destaquei e continuo até hoje.", conta.

A classificação dos esportes especiais é feita de acordo com o nível da lesão e da modalidade esportiva. As regras das modalidades esportivas especiais são basicamente as mesmas do esporte convencional. No atletismo, a lesão medular vai de f51 até f58. "Quanto menor o número, mais comprometida é a pessoa", explica Ersileide Laurinda da Silva, diretora de promoções e eventos da associação.

A diretora teve sua deficiência manifestada a partir dos seus 13 anos, vítima de uma paralisia e distrofia congênita. Ersileide pratica bocha há seis anos e participa sempre das competições. E com o estímulo desse esporte, a diretora agora faz também outros cursos. "Estou no 2º período de direito noturno, na Uniube e estudo inglês e espanhol pela manhã. É muita coisa, mas eu gosto bastante!", conta ela satisfeita.

Campeonatos

Os esportes especiais são divididos por regiões, e seus campeonatos ocorrem cada ano em uma cidade que a compõe. O de bocha é na região centro-oeste, que compreende Uberlândia, Uberaba e Campo Grande. A região do atletismo é outra. A maioria delas ocorre em Brasília ou São Paulo.

Os treinamentos na Adefu ocorrem, geralmente, em conjunto, no mesmo espaço. Apesar de serem muitos os atletas, não há competições dentro da instituição, pois cada um tem um nível de lesão, e na maioria dos esportes resulta somente um atleta para cada nível.

De acordo com Marcos Paulo, as pessoas dizem não ter preconceito, mas ele percebe que ainda há muito. "Só o fato de não ter incentivo já demonstra o preconceito.", exemplifica ele. Para a treinadora Janaina Pessato, as pessoas enxergam o esporte especial como uma superação e passam a admirar, por ser uma coisa distante do dia-a-dia delas. "Eu acredito que o esporte especial ainda é visto como especial, diferente. Acho que não existe um preconceito e sim uma perplexidade ao ver.", afirma a treinadora. Ela acredita que, com a divulgação que ocorreu na última para-olimpíada, melhorou bastante, e que a tendência é sempre melhorar.

Fernanda Gonçalves

Mariane Meire em seu treinamento de bocha

issuu-downloader.com

HOMOSSEXUALIDADE OU HOMOSSEXUALISMO

Mais um preconceito linguístico

Cíntia Cerqueira Cunha*

Vou começar minha argumentação recorrendo ao "pai dos burros", o velho, bom e amigo dicionário, embora o pensador russo Mikhail Bakhtin o descreva como "o cemitério das palavras". Depois de consultar alguns dicionaristas e procurar a origem etimológica de algumas palavras, me atenho a dois autores: Houaiss e Aurélio. Vejamos...

Homossexualismo

Datação
1899 cf. CF1
Acepções
substantivo masculino
1 a prática de relação amorosa e/ou sexual entre indivíduos do mesmo sexo
2 m.q. (mesmo que) ***homossexualidade***
Obs.: p.opos. (por oposição) a heterossexualismo

Etimologia
homossexual + *-ismo*; ver *hom(o)-* e *sex(i/o)-*; f.hist. (forma histórica) 1899 *-homòsexualismo*, 1913 - *homossexualismo*

Antônimos
heterossexualismo

Homossexualidade
Acepções
substantivo feminino
condição de homossexual; homossexualismo
Obs.: p.opos. a *heterossexualidade*
Etimologia
homossexual + *-i-* + *-dade*; ver *hom(o)-* e *sex(i/o)-*
Sinônimos
uranismo
Antônimos
heterossexualidade

Uranismo
Acepções
substantivo masculino
1 homossexualismo
2 em sentido restritivo – homossexualismo masculino

Etimologia
uran(i/o)- + *-ista*. Mitologia. Vem de *Urania*, um dos epítetos (palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa) de Afrodite, deusa grega do amor.

Pederastia

Daação
1858 cf. MS6
Acepções
substantivo feminino
1 prática sexual entre um homem e um rapaz mais jovem
2 Derivação: por extensão de sentido - homossexualidade masculina (veja que **não** consta aqui o vocábulo homossexualismo). O Aurélio recomenda, ainda, comparar e confrontar, **somente nesta acepção**, homossexualidade com uranismo.
Etimologia
gr. (grego) *paiderastía*, as 'pederastia'; f.hist. (forma histórica) 1858 *pederastía*

Você deve se perguntar: por que verifiquei uranismo e pederastia? A resposta é simples. Pura curiosidade de pesquisador. Ao procurar homossexualidade, encontrei uranismo. Daí, pensei: "Nome feio mesmo é "pederasta". Será que ele também tem algum *ismo* junto dele? Qual será mesmo o sentido estrito da palavra pederastia?". Nada a ver. Vamos adiante.

Muitos atribuem ao sufixo *ismo* apenas doença como significado, dizendo que, etimologicamente, palavras terminadas em "-ismo" são relativas a "qualquer desvio do estado normal". Esse disparate linguístico é de uso médico restrito, um tanto decadente e deveras insuficiente, do ponto de vista científico. Mesmo assim, alguns grupos até hoje se indignam quando alguém utiliza o termo "homossexualismo", que denotaria um caráter de anormalidade ao comportamento homossexual humano.

Ismo

Acepções
substantivo masculino
doutrina, sistema, teoria, tendência, corrente etc. (mais frequentemente no plural e com sentido pejorativo)
Ex.: o professor consciente contextualiza as idéias evitando ater-se simplesmente aos ismos.

Etimologia
substantivo do sufixo

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Grande Dicionário Etimológico – prosódico da Língua Portuguesa*. Editora Brasília: Santos-SP, 1974.
Homossexualismo = o mesmo que homossexualidade

Em consulta ao respeitado linguista e escritor brasileiro Marcos Bagno, professor da Universidade de Brasília, narrei a situação vexatória a que fui exposta recentemente em sala de aula simplesmente por verbalizar homossexualismo em vez de homossexualidade. Na ocasião, uma aluna ficou totalmente estarrecida e achincalhou meu "reprovável enunciado".

Prontamente, o professor me respondeu: "Veja que os dicionários todos apresentam a palavra 'ioga' escrita assim e classificada como substantivo feminino, mas os praticantes insistem em dizer 'o yôga', numa tentativa de ficar mais perto da palavra sânscrita original, por mais que isso pareça bobagem. O que acontece hoje, com as palavras que preocupam você, é que as pessoas sentem o sufixo 'ismo' em 'homossexualismo' como se designasse uma doutrina, uma ideologia, uma tomada de atitude (como acontece com fundamentalismo, comunismo, reacionarismo, etc.) ou, como uma doença (tabagismo, alcoolismo etc.). Por isso, a opção julgada mais adequada é "homossexualidade", porque o sufixo 'dade' indica algo que é natural, intrínseco, que pertence àquilo que designa. Observe que a palavra que se usa é 'sexualidade', ninguém fala de 'sexualismo', mas fala de 'sexismo' como atitude deliberadamente marcada, como postura reacionária em relação ao sexo".

Concordo plenamente com o professor, embora homossexualidade e homossexualismo sejam SINÔNIMOS em todos os dicionários consultados (além do Houaiss e Aurélio). Quer comparar? Analisemos os termos sedentariedade e sedentarismo. Sedentariedade significa, de acordo com o dicionário Aurélio, qualidade de sedentário, vida sedentária. E sedentarismo expressa hábitos sedentários, vida sedentária. O problema aqui não está no "ismo" e, sim, no sedentário, do latim sedentarius (aquele que está comumente sentado; que anda ou se exercita pouco; inativo).

Ainda insatisfeito, alguém chega e fala: "Mas raquitismo, botulismo, alcoolismo são doenças", tentando comprovar que "ismo" significa somente enfermidade, vício, mania. E eu retruco: "Heterossexualismo, patriotismo, automobilismo, atletismo, Jornalismo, entre milhares de outros ismos, como Classicismo, Romantismo, Modernismo, Catolicismo, Espiritismo, e agora está na moda a onda do empreendedorismo (hehe), têm significados bastante distintos, não é verdade?". Aliás, o que chamamos de alcoolismo, por exemplo, em psiquiatria, é verdadeiramente uma doença: a dipsomania, sem ismo.

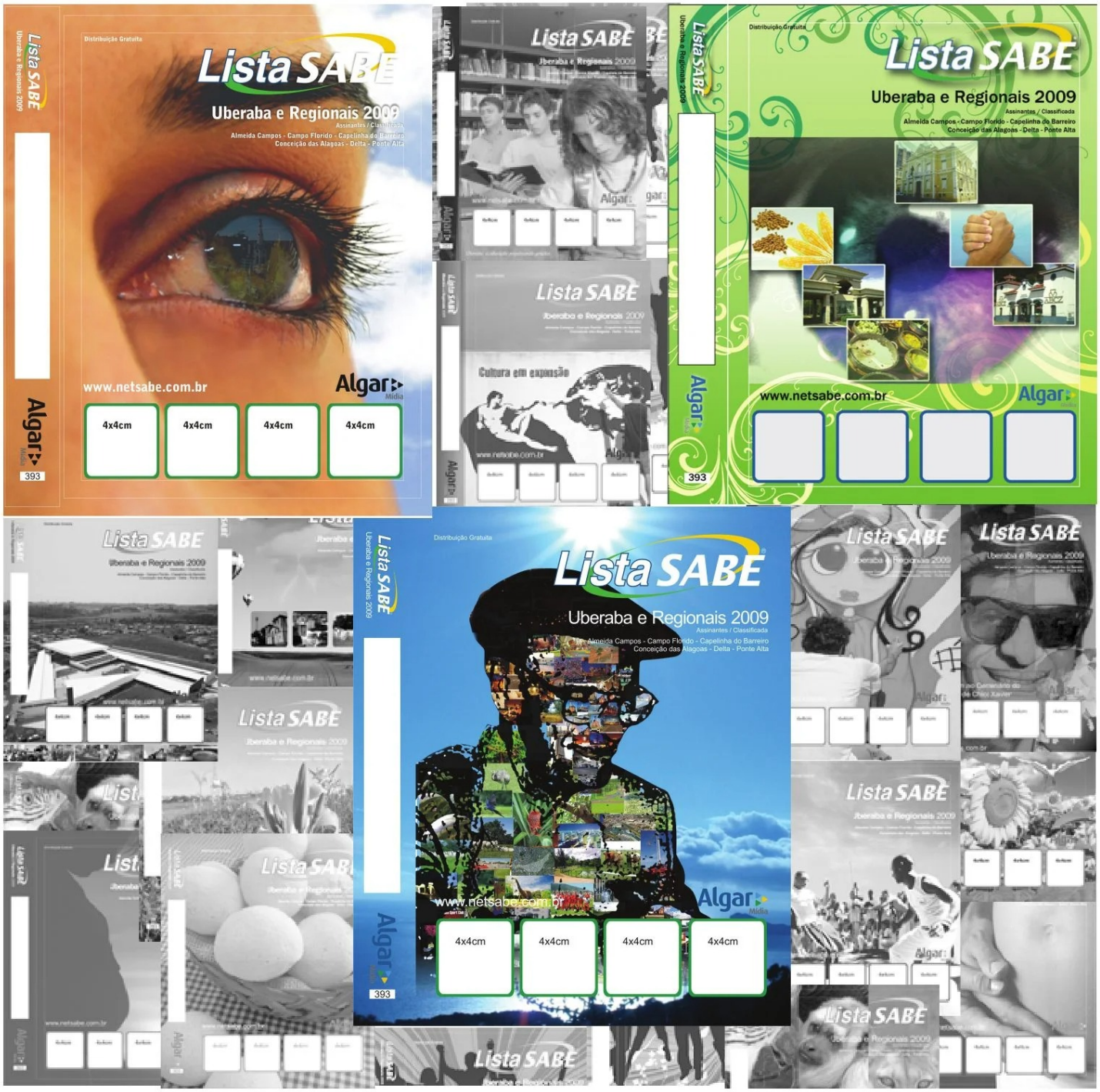
Normalmente, jornalistas são orientados a não usar determinados vocábulos pelo seu caráter eminentemente pejorativo ou discriminatório. O Ministério da Saúde, por exemplo, recomenda que a imprensa jamais empregue as palavras leproso e lepra para designar, respectivamente, hanseniano e hanseníase. Vale lembrar que a história bíblica comprova a marginalização das pessoas relegadas aos leprosários. Outro termo terminantemente proibido é aidético, pois ninguém morre de Aids ou Sida (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), é vítima de doenças oportunistas que acometem o organismo debilitado pela imunidade falha. E o próprio dicionário assevera: "Uso impróprio – escreva soropositivo".

Para terminar a discussão, o homossexualismo nada mais é do que uma expressão genuína da sexualidade humana. Em matérias jornalísticas, obviamente também recomendo o uso de homossexualidade, para evitar pendengas. Mas o que importa mesmo na comunicação é o receptor entender o intento do falante que pode, muito bem, recitar em alto e bom som a palavra homossexualidade com o nariz torcido de um intolerante. O resto é puro preconceito linguístico.

* **Cíntia Cerqueira Cunha** é jornalista, especialista em Comunicação Jornalística e mestre em Jornalismo na Contemporaneidade, pela Faculdade Cásper Líbero. Atualmente, é docente do curso de Comunicação da Universidade de Uberaba, no qual leciona Legislação e Ética em Jornalismo, Teoria do Jornalismo, Edição, Livro-Reportagem, Responsabilidade Social em Comunicação e Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa.

issuu-downloader.com

Finalistas do concurso de fotografia realizado pela lista "Sabe"



issuu-downloader.com